

ADVENTO

VIGIAI:

O QUE O ADVENTO TEM
A DIZER A UMA GERAÇÃO
DISTRÁIDA

Imagem: Theo Crazzolara / Unsplash



♦ Alexandre Ferreira Santos* ♦

O Advento costuma chegar ornamentado com luzes, corais e uma espécie de doçura antecipada do Natal. Enquanto vivência cristã, seu horizonte é também uma oportunidade anual para contemplar a inquietante segunda vinda de Cristo. Sim, a liturgia prepara a memória do nascimento de Jesus, só que, ao mesmo tempo, coloca-nos diante da promessa de plenitude do fim dos tempos (cf. Mt 28,20), quando o Senhor aparecerá não como uma lembrança privada, mas como o sentido definitivo da história e do universo.

O tempo do Advento não é uma sala de espera, é um sinal de alerta, um despertador. Na cosmovisão judaico-cristã, o futuro não é um lugar distante para onde vamos, ele é uma locomotiva que vem em nossa direção.

O amanhã de Deus se aproxima. A pergunta não é “quando será?”, mas “você está preparado?”

Isaías, o livro do Antigo Testamento que mais é lido nesse período, encara-nos do abismo. Ele pede que os céus sejam rasgados: “Ah! Se rompesse os céus e descesses!” (Is 63,19). Não é uma oração comportada, é o grito de quem percebe que o mundo perdeu sua forma e que nossos esforços, sozinhos, não conseguem reconstruí-lo. O profeta chama Deus de “Pai Nosso” e “Resgatador”, como um parente obrigado a libertar os seus. Depois, chama-o de oleiro: “Nós somos barro; tu és aquele que nos modela” (Is 64,8). Esperar Cristo é admitir que tudo precisa ser refeito, inclusive nós.

A espera não nos dispensa do esforço conjunto. “Preparai no deserto o caminho do Senhor” (Is 40,3) significa abrir uma estrada ainda na secura. A esperança cristã, longe de ser um anestésico para suportar o caos, é uma obra monumental de engenharia interior e comunitária. Ela consola, reúne os frágeis e cobra do mundo uma ordem mais justa, por isso, Jesus manda vigiar (cf. Mc 13,33). O verbo não indica calcular o fim do mundo, mas permanecer acordado para o momento decisivo, o kairós. Dormir, nesse sentido,

é estar desconectado da realidade, viver como se nada estivesse acontecendo. Vigiar é cuidar das tarefas cotidianas sem perder de vista a chegada daquele que vem.

Assim, podemos ver Maria como paradigma da vida cristã: O seu “faça-se” (Lc 1,38) é desejo e participação ativa, não tem nada a ver com resignação a um destino já traçado. Diante dos séculos de silêncio divino, ela consente que a Palavra comece a ser gestada em seu útero. Também nós somos chamados a trabalhar no chão da história, sem transformar a fé em fuga, nem as corrupções da nossa sociedade em roteiro fechado. O Advento anuncia que Cristo vem e, justamente porque ele vem, cada gesto de cuidado, cada verdade proclamada e cada ferida tratada pode tornar-se uma estrada. Quando chegar, Ele encontrará em nossas mãos pedras que isolaram sua mensagem das pessoas ou caminhos abertos para o grande encontro? ●

***Alexandre Ferreira Santos** é especialista em Filosofia e Pensamento Religioso pela Pontifícia Universidade Lateranense (Roma), dedicando-se à elaboração de projetos pedagógicos para o ensino de humanidades.